



O animador cultural José Pereira da Silva

SS Pereira é a favor. Quem mais se habilita?

José Pereira da Silva, animador e produtor cultural de Brasília e adjacências, enviou por escrito sua opinião para que não parem dúvidas. A quebra da unanimidade é sempre democrática e salutar. Fala, Pereira.

○ Poeta Reinaldo Jardim em artigo publicado pelo **C O R R E I O BRAZILIENSE**, de 21/05, acertou em cheio na ferida Cultural. Faltou dizer claramente o seguinte: artista não gosta de dinheiro. Incutiram-lhe na cabeça que ganhar dinheiro é mercenarismo. Besteira. Por isso nos manifestos redigidos nas reuniões dos culturólogos mais representativos, o item econômico não é tocado. O artista, o fazedor de cultura, os técnicos e animadores culturais ganham menos que um jogador de futebol. Ganham menos que o salário mínimo. Não vale o exemplo Pelé ou Roberto Carlos; Sócrates ou Chico Buarque; Zico ou Fagner. Vale Oswald de Andrade, Macalé, Glauber, Renato Matos. Os culturólogos se espelham no exemplo dos metalúrgicos, mas se esquecem que o motivo principal que rege todos os movimentos — não só o dos metalúrgicos — é o fator econômico. Quero dizer o seguinte: A **PREOCUPAÇÃO Nº 1 É GRANA**. Quanto mais órgãos (não importa que nomes tenham) existirem como captadores e repassadores de recursos financeiros melhor. Repito: **MELHOR**. O que deve haver é um marketing publicitário mais dinâmico em cada um desses órgãos para que eles possam captar junto ao empresariado privado e outros canais competentes disponíveis e não disponíveis o dinheiro necessário pra gente tocar o barco. Competência, criatividade e alguns poucos projetos existem pra começar a brincadeira da chamada retomada cultural da “Nova República”. Reinaldo dúvida disso, mas eu aposto na rapaziada. Sou a favor da criação da Secretaria de Cultura e tantos outros órgãos que venham fortalecer o frágil movimento cultural existente em Brasília. Quanto ao nome, a gente faz

uma reunião e indica pro Zé Aparecido nomear. Se já estiver nomeado — que é o nosso caso —, a gente chama o cara “prum papo” e diz pra ele o que a gente quer, ou seja: **GRANA**.

Sem grana não há fama. Agora, ficar discutindo com esta performance estudantil o movimento pelo movimento aborrece qualquer um. Principalmente dos que sobrevivem exclusivamente do trabalho cultural.

Que, aliás, não é mole. Inclusive porque 50% dos culturólogos presentes a essas reuniões têm outras fontes de renda. Não quero aqui, falar dos sindicatos e associações que representam a classe, porque, aqui em Brasília, isso ainda não existe, e o que existe ou é pessimamente administrado, ou ainda está nas mãos dos pelegos. A coisa é tão absurda que eles deram um jeito de proibir os amadores de trabalhar. Agora, em relação a tal política cultural que todo mundo reclama, o Ney Braga, ministro da Educação e Cultura do governo Geisel, baixou através de decreto uma política cultural de fazer inveja a Glauber, Gullar e a outros entendidos do assunto. E daí, o que aconteceu concretamente? Nada. Outra coisa: quero alertar a turma (ótima por sinal) que está na gestão da Fundação Cultural que esse negócio de pedir demissão coletiva, principalmente sob tensão emocional, é faca de dois gumes. Um gume fere o “inimigo” o outro afundará mais ainda o corte que já vem sangrando há alguns anos. Já pensaram na equipe antiga de volta? Glauber dizia que era protestante por convicção e marxista por estratégia. Sou anarquista por convicção e capitalista por estratégia. Aviso: “Tou” fundando o PC do B — Partido Capitalista do Brasil. E não adianta ficar brincando de aprendiz de contente.